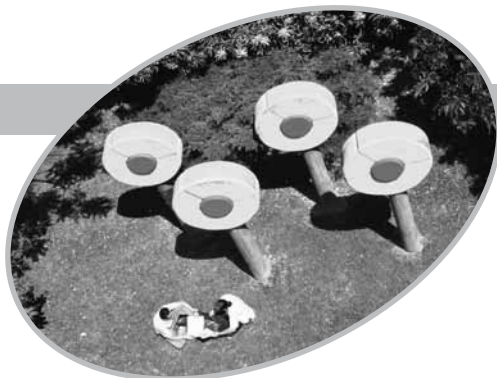


Compreender a capacidade criadora do humano ser na reportagensaio



Raúl Hernando Osorio Vargas

*Doutor em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP)
Docente associado da Universidade
de Antioquia, Colômbia
E-mail: osoriova@gmail.com*

Resumo: Neste ensaio é discutida a potencialidade da reportagensaio como práxis para se buscar compreender uma realidade de complexa construção. Para isso, partimos do conceito de Humano Ser, desenvolvido por Cremilda Medina, e do questionamento à visão objetivista da realidade elaborado por Fritjof Capra. Mais do que um gênero jornalístico, propomos uma ética de reportagem solidamente baseada no diálogo do repórter com sujeitos em movimento, que vivem em um mundo de transformação e transculturação.

Palavras-chave: Comunicação, a compreensão como método, jornalismo transcultural, reportagensaio, epistemologia.

Comprender la capacidad de creación del humano ser en el reportajensayo

Resumen: En este ensayo es discutida la potencialidad del reportajensayo como praxis para buscar comprender una realidad de compleja construcción. Para eso, partimos del concepto Humano Ser, desarrollado por Cremilda Medina, y del cuestionamiento a la visión objetivista de la realidad elaborada por Fritjof Capra. Más que un género periodístico, proponemos una ética de reportaje, sólidamente basada en el diálogo del reportero con los sujetos en movimiento, que viven en un mundo de transformación y transculturación.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, periodismo transcultural, reportajensayo, epistemología.

Understanding the creative capability of the humane being in the reportagesay

Abstract: In this essay, we discuss the potential of the reportagesay as a praxis fit to the efforts for understanding a reality of complex build. Thus, we propose its principles from the perspective of Cremilda Medina's concept of Humane Being and the criticism on the objectivist view of reality as stated by Fritjof Capra. More than a journalistic genre, we propose reporting ethics substantially based on the dialogue between the reporter and subjects on the move who live in a world of changing and transculturation.

Keywords: Communication, comprehension as a method, transcultural journalism, reportagesay, epistemology.

Pensar é próprio de seres humanos e, no mundo contemporâneo, estamos esquecendo nosso ser, por andarmos demais de olho em instrumentos tecnológicos. Viver o mundo é um ato amoroso. Erich Fromm, em *El arte de amar* (1970, p. 19-51), defende que “o amor é a resposta ao problema da existência humana”. Ora, o ato de reconhecer o mundo por meio do bom jornalismo tem sido muito importante para o desenvolvimento do Humano Ser.¹ Contudo, somente através de uma libertação de nossa forma de viver e ler o mundo poderemos enxergar sua complexidade e criar um jornalismo libertador, que nos revele em nossas múltiplas dimensões.

Este é o grande desafio: encher-se do mundo pela via da sensibilidade e livrar-se das prisões que impedem a comunhão com a vida. Visão de mundo é raciocínio, mas também viver e sentir com todos os sentidos que devemos acordar em nós. Esse caminho

¹ Noção proposta e desenvolvida pela pesquisadora brasileira Cremilda Medina na área do jornalismo, em projeto que implantou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), nos anos 1980, reunindo pesquisadores brasileiros e de outros países latino-americanos dedicados a temas conexos à epistemologia do Jornalismo e aos estudos transdisciplinares, no âmbito da chamada crise de paradigmas.

implica superar preconceitos sobre os “outros” e desentupir os poros da própria pele para respirar o novo ar da crônica (de *chronos*: tempo) do mundo que alimenta o jornalista-narrador. O jornalista-narrador deve viver com atenção um fazer-ver em busca da essência que potencialize a sintonia de todas as suas energias, para perceber o que aos outros escapa: maneira de reeducar sua intuição e ganhar aquele chamado sexto sentido.

A realocização dos sujeitos sociais revitaliza a importância do espaço vivamente narrado como experiência, o aprendizado do mundo como escola da vida

A reportagem e a grande narrativa contemporânea

A vida se deixa ler, e todo ato, por insignificante que pareça, merece ser levado em conta, pois faz parte desse tecido geral chamado narração, essa aventura do conhecimento ao longo da qual o Humano Ser constrói a consciência de seu mundo. Nesse relacionamento dialético (sujeito-objeto-sujeito), produzimos memória para encarnar a maior narrativa do mundo, denominada História. Cada reportagem que se escreva com esse novo sentir representará mais uma pincelada inscrita na narrativa maior de nossos povos.

Nesse ato de “reportar, aparência e essência”² se conjugam para serem desconstruídas pela senda do detalhe revelador, abordado com ferramentas de observação tais como a curiosidade pela vida e a criatividade, em uma reflexão e uma análise próximas. O alvo, o pormenor revelador e significativo

² Núcleo do primeiro livro de Cremilda Medina, com Paulo Roberto Leandro, *A arte de tecer o presente* (1973), que propõe a noção de “interpretação” no jornalismo.

nos contextos da sociedade, torna perceptível e impregna a narração de sentido, pensamento e linguagem. Arte experimental, aberta, que expressa os estilos e as composições de vida em um retrato construído aos poucos por meio da viagem profunda, e que explica sua razão de ser e suas convergências com os demais saberes.

O real, como se sabe, é contraditório, complexo e plural e, por isso, nenhuma de suas formas é eterna, definitiva. Tanto a natureza quanto a cultura constituem-se de realidades efêmeras e perecíveis, sujeitas a mudanças, a uma contínua transformação. Só as coisas efêmeras são marcantes. A verdade absoluta e definitiva inexistente; somos um processo infinito de vir-a-ser e perecer, somos constante mudança e transição. E as marcas do desenvolvimento do mundo atual, das ideias, dos modos de viver, mudam as maneiras de narrar, que vão do espaço físico ao espaço vivido, lugar constituído por um interior (sagrado) e um exterior (profano).

No mundo contemporâneo, a reportagem e o ensaio são textos de caráter argumentativo, e não mimético. Essas narrativas transdisciplinares de essencial vocação artística fundam novas formas do saber. Suas perspectivas estéticas, porém, não giram em torno do conceito de imitação – como na poética de tradição clássica – nem da ideia de imaginação – como no mundo romântico. Elas têm escolhido como noção fundamental a comunicação, na qual as mediações são mensagens em processo, em construção, em experiência, em experimentação. A realocização dos sujeitos sociais revitaliza a importância do espaço vivamente narrado como experiência, ou seja, o aprendizado do mundo como escola da vida.

Em um mundo globalizado, interior e exterior não deixam de existir, mas se reconfiguram nas fronteiras, nos comportamentos e nas novas maneiras de se estar juntos. Interior e exterior não são divisões permanentes: o mundo está conectado, mas não tanto assim. Todo espaço é um cenário, uma construção, uma esperança da

sociedade em processo de transformação, de *transculturização*, que torna as fronteiras porosas. Na aculturação não existem trocas culturais e se apresenta a hegemonia de uma cultura sobre a outra; na *transculturização*, por sua vez, a preponderância de um povo sobre o outro desaparece, para dar lugar ao diálogo como encontro com o outro, reincorporando saberes que geram plasticidades culturais e dão sentido às novas formas de expressão. Nesse processo de vivência reduz-se a distância entre o repórter-narrador e seus “entrevistados”, ou seja, entre o oral e o escrito.³

Sujeito fronteiro que vive entre várias águas, o repórter desempenha seu papel de *transculturador* ou mediador, colaborando na fundação de uma comunidade por meio da narrativa. Esta torna possível o convívio entre os diferentes, e, em sua nova expressão de *reportagensaio*,⁴ tem a potência de revitalizar o oral vivo. Assim, no ato narrativo, vivemos uma relação de cumplicidade e experiência em processo.

A *experiência vivida*, como arqueologia e memória, é transgressora. Que experiência é essa que pode *sentir* o Humano Ser? Ela orienta a construção dos sentidos da vida, marcando presença no cultural e no psicológico, por meio dos quais sua narrativa se exprime. A experiência é um acontecimento

³ “As interdições e repressões ao discurso científico por parte dos comandos paragramaticais se evidenciam, por exemplo, nos frequentes e grosseiros ataques de seus sustentadores à atividade dos linguistas profissionais, empenhados em conhecer a realidade linguística do Brasil e em opor esse conhecimento às fantasias míticas e aos esoterismos de uma norma-padrão (equivocadamente chamada de ‘língua culta’) que há muito tempo já deixou de servir de meio eficaz para a comunicação e a expressão dos brasileiros de todas as classes sociais” (Bagno, 2000, p. 12).

⁴ Reportagensaio: descobrir, reconstituir e transmitir, ensaiando. Reportagensaio concebida como narração detalhada de situações e conversas da vida cotidiana dos seres humanos que vivem em espaços e tempos específicos. Ela parte do fato verídico, procurando as explicações mais sutis, empreendendo uma viagem de retorno, até encontrar uma composição criativa com suas múltiplas vozes. Como pesquisa, pode ser considerada uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir novas maneiras de ler ou de ver o já visto ou lido. O conceito é apresentado, de forma robusta, na minha tese de doutorado, onde propus dito neologismo como uma noção fundamental no âmbito do jornalismo literário (Osorio, 2003).

e uma abertura do Humano Ser para o mundo e para os outros. Ao mesmo tempo, a experiência leva aquele que a vive às diversas dimensões do conhecimento, confrontando-o também consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

● Diálogo e comunhão com o outro e com a vida

O diálogo como experiência humana constrói relação, e com ele buscamos união e conhecimento da vida pessoal (interior) e social (exterior). A lembrança do instante efêmero e luminoso é recriada a partir da memória, onde se conserva para voltar da experiência revivida nas narrativas de uma possível eternidade. O *vem falar comigo* é uma espécie de celebração que tem sua expressão maior nas comunidades de diálogos, e se traduz nos testemunhos, levando as pessoas a eliminar desconfianças, frieza e indiferença na relação de umas para com as outras. Diálogo que nos convida a aprofundar nossa intimidade e comunhão com o outro, nos moldes da ligação que existe entre a árvore e seus ramos, a raiz e a terra: rizoma.

Devemos estar dispostos a viver essa comunhão que nos reúne na história de vida e nos conduz à viagem, essa forte experiência do encontro que transforma radicalmente nossas vidas em uma herança de narrativas, uma leitura, uma versão que procura juntar-se a outras versões, para permanecer com elas na fala e na língua. Nesse processo, a narrativa feita não só de palavras e bate-boca, mas fundamentalmente de ações, se consolida e progride no sentido de sabermos quem somos. Por meio da palavra pronunciada permanecemos no outro e ele em nós, quer dizer, tornamo-nos testemunhas vivas que vão ao encontro, no compromisso concreto do diálogo. Transbordando as várias vozes nos fazemos partícipes do mundo e, nesse ato, experimentado por nós, entrelaçamos e abraçamos livremente a memória coletiva. Lembramos reunidos no convívio: *De mim se recordou!*

Penetrar nos pensamentos é ver os movimentos das palavras que são imagens do conhecimento, é envolver-se com o saber do outro sem se abstrair do olhar no ato de se ir ao encontro. A vida que tece o hoje é revivida pelo pensamento feito ações-fala no livro de sua mente, dias contados antecipadamente. Para dizer: *Ainda estou contigo*.

Que é estar contigo? É como permanecer juntos, olhar, escutar, ver os passos no caminho da antiga, da nova, da futura narrativa que leva e anuncia o nascimento da reportagem desveladora das visões de mundo. Anúncio de que o excluído participa ativamente da nova história, derrubando as barreiras que impedem a partilha e a construção da narrativa eternamente contemporânea e das “pessoas vivas que a falam” (Bagno, 2001, p. 9). Face a face. Ato vivo como relato perene de experiência humana, recapturado e usado como critério dos acontecimentos e das emoções pessoais. Fragmentos coligidos das várias experiências. O repórter traz valiosas impressões aos companheiros de viagem. Ele mergulha e estabelece o diálogo no fundo da experiência humana, com todos os detalhes possíveis em um esforço de compreensão do viver.

● Que é hoje fazer reportagem?

A surpresa, a perplexidade e a dúvida são caminhos do aprendiz, desse experimenter que vai passando pela lição de vida. Reportamo-nos e, no ensaio, ganhamos dilatada expressão. Aqui, a luta humana é sua escritura; as mãos, os ofícios; os olhos, os sentidos. E os diálogos surgem em forma de torrente, como palavras aprisionadas pelo movimento dos lábios:

Não é somente o olho que segue os traços da imagem, pois à imagem visual é associada uma imagem manual e é essa imagem manual que verdadeiramente desperta em nós o ser ativo. Toda mão é consciência da ação. Assim, com a mais extrema delicadeza, a mão desperta as forças prodigiosas da

matéria. Todos os sonhos dinâmicos, dos mais violentos aos mais insidiosos, do sulco metálico aos traços mais finos, vivem na mão humana, síntese da força e da destreza (Bachelard, 1985, p. 53-54).

As mãos, essas alquimistas que coagulam e dissolvem a matéria, tomam as palavras como testemunhas para marcar a presença humana no espaço, em um movimento de tempos feito reportagem, refletindo nossas atitudes interiores. Quando as mãos do Humano Ser tocam em algo para criar, manifesta-se e surge nesse gesto essa outra gramática da vida, que aceita o risco dialético de descobrir o nosso poder “interior” no “exterior”, nas probabilidades das conexões rizomáticas. Caminhemos na procura das instigantes conexões entre mãos, pensamentos e processos de conhecimento!

O repórter sai e mergulha no trabalho de campo. Faz sua imersão no mundo e, por meio do diálogo possível (Medina, 2000) com os outros, constrói a alteridade com o auxílio do jornalismo em uma narrativa que requer a compreensão. Especialmente quando se compreende que o verdadeiro estudo do Jornalismo é o seu compromisso com a condição humana. “A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (Arendt, 2009, p. 15-16).

É que as nossas próprias diferenças também compõem a reportagem compreensiva no diálogo transcultural. Eis a narrativa como método para descobrir coisas não conhecidas antecipadamente pelo repórter. No ato de ir ao encontro do mundo e do outro tornam-se claros e compreensíveis os acontecimentos humanos, por meio das narrativas. Eis a ação de desvendar o que anteriormente estava escondido. Narrativas que abraçam as formas que a ela se moldam no imenso território da vivência, no útero do mundo.

Reportagem, “lugar” ilimitado onde os adultos-meninos brincam; mas eis que

chega a onda do tempo e arrasta seus “brinquedos”. Perda ou morte do vivido, porém troca, passagem, diálogos possíveis improvisados na infinita viagem do conhecimento do outro, por meio da experiência – *que transpassa e transforma nossa percepção de repórteres transculturadores ou mediadores* nos espaços-acumulação desiguais de tempos. E, assim, vamos pelo espaço-tempo como relógios. Mas na Antiguidade não existiam relógios. Era apenas a manhã, as estações, o acaso, o plantio, a colheita... O tempo era sagrado. Tocavam o sino de manhã e à noite, com pequenas variações, porém o ritmo era tão diferente do nosso, que mesmo imaginá-lo hoje é impossível.

O que representa o presente? O que representa o passado? O que representam os fatos desse mar-tempo? Quem é o outro? Quem sou eu? Perguntas para a reportagensaio sobre a compreensão do Humano Ser. Perguntas que têm a ver com o sujeito e a realidade, já que ninguém é uma ilha e todo ser humano é parte do mundo. *Não dá para sentir as pessoas observando você?*

Ainda que o mundo nos faça sentir pequenos, e exista uma relação profunda entre ele e nós. Olho no olho, mão na mão, vivências concretas, arte concreta, outras espécies da reportagensaio. Transformação de pedras vivas que se desmancham nas mãos (dessacralizadas) e talhadas (cristalizadas) pela mão do humano, em narrativas de compreensão. Terra-mãe. Pedra filosofal, símbolo alquímico de sabedoria e caminho de regeneração.

E o repórter pensa e sabe que nós, humanos, às vezes, falamos em solilóquios como em um roteiro de teatro. *Experimentemos o narrador ensimesmado!* As narrativas falam e eu me calo... “O homem, no sentido dado pelos gregos antigos, só é capaz de tornar-se homem quando se distancia da ‘vida ativa’ e se aproxima da vida reflexiva, contemplativa. Dentro dessa lógica, só é homem aquele que tem tempo para pensar, refletir, contemplar” (Arendt, 2009).

Teia imensa de relações

Novas percepções e contribuições para a compreensão da contemporaneidade a partir de outras perspectivas, que contribuem para questionar os paradigmas mecanicistas. Pela dialética da escuta recíproca e de se estar sempre aberto ao outro numa experiência liberadora, tornamo-nos capazes de nos abriremos a experiências novas e a formas plurais de nar-

O colapso da metodologia neopositivista nos leva a rever os procedimentos hermenêuticos e narrativos para compreender as linguagens do mundo e do humano

rativas do indivíduo-projeto, onde “a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença” (Arendt, 2009, p. 188). Assim, o repórter, por meio da reportagensaio, abre-se às disposições epistemológicas e teórico-metodológicas que constituem o jornalismo como campo específico e consolidado de pesquisa, junto à compreensão do modo como se configura a identidade pessoal na sintonia com o ato de narrar a vida, já que não somos como relógios do tempo e o espaço.

Fritjof Capra nos pede para olhar o relógio que está funcionando há séculos, desde antes dos tempos modernos, e que se tornou modelo do cosmos, confundindo o modelo com o original. Contudo, a natureza é um ser vivo, e não um grande relógio, uma máquina. E Capra nos lembra que Descartes foi o primeiro arquiteto da visão de mundo como relógio. Não é isso exatamente o tal do pensamento científico? Essa visão mecanicista não constitui o próprio método científico?

Para o racionalismo de René Descartes, o mundo não passava de uma máquina. Ele

ficou fascinado pela máquina do relógio e fez dele a sua principal metáfora. Descartes disse: “Vejo o corpo como nada mais que uma máquina”. De tal modo que os cientistas passaram a acreditar que todos os seres vivos, plantas, animais, nós humanos, não passamos de máquinas. Apesar de falsa, essa ideia tomou conta de tudo: da ciência, da política, da arte..., da reportagem.

Acredito que a vida sente a si mesma e que sentir o universo é um trabalho interior. Penso nos passos silenciosos dos desconhecidos na vida que ninguém vê



No jornalismo, essa visão se apresenta no império da objetividade. Capra esclarece que Descartes foi uma dádiva para o século XVII, mas que os tempos mudaram e precisamos de uma nova maneira de entender a vida, apesar de as pessoas ainda terem essa visão de máquina arraigada em suas cabeças. Essa crise de visão corresponde às “percepções estreitas da realidade, as quais são inadequadas para enfrentar os principais problemas de nosso tempo” (Capra, 2001, p. 23).

O mundo muda mais rápido que a percepção das pessoas, e representa um grande desafio saltar o abismo, comunicar, permitir que nos sintamos responsáveis. Algumas pessoas nem percebem onde estão. A reportagem tem tratos íntimos com nossa percepção do mundo, com o epistêmico, quer dizer, o saber. O colapso da metodologia neopositivista nos leva a rever os procedimentos hermenêuticos e narrativos, para tentar compreender as linguagens do mundo e do humano.

As coisas mudam tão rápido nas mãos do homem! Não era por mero acaso que Turner pintava a luz, ou que a luz se tornou a maior

inspiração dos impressionistas. A natureza da luz tornou-se uma obsessão também para os físicos. Nenhum deles conseguia entender como a luz do Sol alcançava a Terra. *Por quê? Qual é a natureza da luz?* Para entendê-la, é preciso saber o que compõe a matéria: os átomos. *O que é um átomo?* Newton achava que era uma pequena partícula sólida, mas não foi o que os cientistas viram quando observaram um átomo pela primeira vez. O que eles viram foi algo inesperado. Viram que o átomo era feito de coisas ainda menores, um núcleo com elétrons se movimentando em regiões relativamente vastas de espaço vazio. Foi isso o que chocou os cientistas.

Átomos são pequenos, quase impossíveis de visualizar. O tamanho deles é tão distante de nossa noção normal de proporções que é muito difícil perceber os tamanhos e as distâncias relativas de suas partículas. *Quantos átomos há em uma laranja?* Para responder, temos que aumentar a laranja até poderemos vê-los. Teríamos que aumentá-la até que ficasse do tamanho da Terra. Seus átomos, então, ficariam do tamanho de cerejas. Miríades⁵ de cerejas, estreitamente contidas dentro de uma laranja do tamanho da Terra.

Caro leitor, tente, em sua mente, ver a imagem da laranja do tamanho da Terra voltando ao seu tamanho normal e imagine todas aquelas cerejas lá dentro! Contudo, Capra adverte que é o tamanho do núcleo que interessa, e a resposta é invisível. *E se o átomo fosse uma bola de futebol?* Ele ainda seria invisível. Se ampliarmos o átomo até ficar do tamanho da ilha de Cuba, o núcleo ficaria do tamanho de uma pedrinha, e os elétrons seriam menores ainda, como grãos de areia; precisaríamos procurá-los nas bordas da ilha, e todo o espaço entre eles e o núcleo **estaria vazio**.

Mas se uma rocha é composta de esferas assim, o que a torna tão sólida? Por que não podemos atravessá-la? Por que não caímos? E por que tudo não cai atravessando tudo? Segundo Capra, esta é uma pergunta óbvia que os físicos se propuseram. Ele lembra que

⁵ Superfície de 10.000 ares ou de 1 km².

todos os conceitos newtonianos se basearam em coisas que podiam ser vistas ou, ao menos, visualizadas, e que, porém, o que estavam descobrindo nesse mundo estranho e novo eram conceitos que não podiam mais ser visualizados.

Ao se depararem com os “absurdos” fenômenos da física atômica, os cientistas tiveram que admitir que não possuíam uma linguagem, nem mesmo uma forma adequada de pensar nas novas descobertas. Foram obrigados a pensar em conceitos radicalmente novos e, para entender por que a matéria é tão sólida, precisaram desafiar até as ideias convencionais sobre a existência da matéria. Após muitos anos de frustrações, tiveram de admitir que a matéria não existe com certeza e em lugares definidos, mas tem tendência a existir.

Capra explica que, se queremos observar um elétron, não podemos dizer que ele está em um lugar definido, mas apenas que tem tendência a estar na frente, em vez de nos fundos, ou à esquerda, ou à direita. Em linguagem científica, ele diz, não falamos em tendências, falamos em probabilidades. O estranho é que, quando você mede algo em um elétron, ele está em um determinado lugar, mas, entre duas medições, não se pode dizer que está em um lugar ou que percorreu um caminho definido de um lugar a outro. Um elétron não se mexe, nem fica parado em um mesmo lugar. Ele se manifesta como um padrão de probabilidades espalhado pelo espaço, e a forma desse padrão muda com o tempo, o que para a percepção humana pode parecer movimento.

Quer dizer, o elétron fica espalhado numa vasta região e, ao ser medido, coagula em um pequeno ponto. Todas as partículas subatômicas – elétrons, prótons, nêutrons – manifestam essa estranha existência entre potencialidade e realidade. No nível subatômico não há objetos sólidos. Então, como podem existir objetos sólidos em qualquer nível? Para Capra, essa simples pergunta – o que torna a rocha sólida? – vai além do poder da imaginação e não pode ser explicada visualmente. Podemos usar equações, mas não há metáforas possíveis.

“O que quero é compreender”

Como viver num mundo não metafórico? Precisamos perceber a realidade de algum jeito. Para os físicos, a matéria é sólida porque padrões de probabilidades são difíceis de ser comprimidos – essa é a melhor explicação que conseguiram dar. É uma visualização vagabunda, mas ninguém fez melhor.

– *Se as portas da percepção se abrissem, tudo apareceria como é.*⁶

– *O que quero é compreender.*⁷

E compreensão quer dizer aqui *understanding*, o que em alemão se diz *Verstehen*:

Compreender não significa negar o que nos indigna, deduzir o que ainda não tem existido a partir do que já tem existido ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades, de maneira que o impacto com a realidade e o *shock* da experiência deixem de se fazer notar. Compreender quer dizer, mais bem, pesquisar e suportar conscientemente o fardo que nosso século tem colocado sobre nossos ombros: e fazê-lo de uma forma que não negue nem sua existência nem se derrube sob seu peso. Dito brevemente: mirar a realidade cara a cara e encará-la sem prejuízo e de forma atenta – qualquer que seja sua aparência (Arendt, 1989).

Então, a vida é um amontoado de padrões de probabilidades de conexões. Tendemos a ver as particularidades, mas estas não possuem existência independente. Um acontecimento é, essencialmente, um conjunto de relações que se estendem para criar conexões com os outros. No diálogo não há objetos; a natureza essencial dos acontecimentos humanos não está nos objetos, mas nas conexões.

Assim, em minha reportagem, eu não pesquisei objetos; dialoguei com sujeitos em movimento, que vivem em um mundo de

⁶ William Blake, poeta e pintor inglês (1757-1827). Sua obra é precursora do romantismo. Em seus *Cantos de inocência/Cantos de experiência*, mostra sua fina sensibilidade.

⁷ Hannah Arendt (Linden, Alemanha, 14 de outubro de 1906 – Nova Iorque, Estados Unidos, 4 de dezembro de 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

transformação e transculturação. Pois, como repórteres, temos a necessidade do outro, das conexões e de suas probabilidades de compartilhar, de Ser Eu-Tu-Eu-Tu, ou seja, a necessidade de estar em nós, que é comunidade de conhecimento. Sim... “Na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre matéria e mente, entre o observado e o observador. Nunca podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falar-mos sobre nós mesmos” (Capra, 2001, p. 81).

O que dizer dessas conexões e probabilidades nas ciências humanas ou na reportagensai, na qual o narrador, observador participante, conta o que extrai da experiência, sua ou contada por outros, por meio dos *sons* da fala?

A propósito de sons, todos sabemos que o acorde é uma 3ª, a mais básica das harmonias. Ele carrega consigo um clima próprio, mas suas notas isoladas não carregam nada. Portanto, a essência do acorde está nas relações, e a relação entre a duração e a frequência compõe a melodia. As relações formam a matéria. As conexões conformam a reportagensai. As relações formam a música. Como mãos tocando partículas subatômicas musicais. Música das esferas, disse Kepler, e Shakespeare antes dele, e Pitágoras antes de todos.

Essa visão do universo feito de harmonias, de sons e relações, não é uma descoberta nova. Os físicos estão apenas provando que o que chamamos de objeto, átomo, molécula ou partícula não passa de uma aproximação, uma metáfora. No nível subatômico, tudo se dissolve em uma série de conexões, como a música ou como a oratura que se faz escrita.⁸ Capra explica que, no nível subatômico, há uma troca contínua de matéria e energia, entre minha mão e esta madeira, entre a madeira e o ar, e até entre você e eu. Uma troca

real de fótons e elétrons. No fim das contas, gostemos ou não, todos somos parte de uma teia inseparável de relações.

O jornalista contemporâneo precisa ver, sentir, compreender a interdependência, a teia de relações da vida. E, como repórter, penso naquela questão eterna: o que é a vida? Pergunto e acredito que a vida se sente a si mesma e que sentir o universo é um trabalho interior. Penso nos passos silenciosos dos desconhecidos na vida que ninguém vê. Penso em processos, e não em estruturas. Relações ou conexões dos processos vividos pelos seres humanos.

Reportagensai como narrativas da transculturação, já que a vida é infinita e, para narrar o eu, temos que narrar o ser e sua presença no mundo. Com o geógrafo Milton Santos podemos dizer que é nosso dever narrar a *formação socioespacial* do indivíduo. Narração de nosso ser social e individual, como aventura da descoberta e da comunicação (Santos, 1996, p. 253), e como texto que se escreve em diálogo com a fundação de nossas nações.

De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?

Visões do sujeito no mundo transculturado e recordado..., eixo da nossa reportagensai, e ecoa em meu pensamento o caminho indicado por Hannah Arendt:

– *O que quero é compreender.*

(artigo recebido abr.2016/aprovado jun.2016)

⁸“...as definições peirceanas revelam um tal esmiuçamento das relações intra-signo, entre signos e não vou dizer extra-signo porque para ele o homem já é um signo, que no terreno da linguagem suas descobertas equivalem à fissura do átomo na física. Este paralelo não é mera frase de efeito. Peirce realmente penetra a unidade signo e a fende numa multiplicidade de partes e inter-relações, perto das quais a célebre divisão da tradição saussuriana em significante-significado peca pela ingenuidade” (Santaella, 1996, p. 30).

Referências

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **Direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- FROMM, Erich. **El arte de amar**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1970.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2000.
- MEDINA, Cremilda. Jornalismo e a epistemologia da complexidade. In: MEDINA, Cremilda (Org.). **A crise dos paradigmas**. Novo Pacto da Ciência – 1º Seminário Transdisciplinar. São Paulo, ECA/USP, 1991.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.
- OSORIO VARGAS, Raul. **O lugar da fala na pesquisa da reportagem**: “O Homem das Areias”, um flagrante do diálogo oratura-escritura. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Orientadora: Cremilda Celeste de Araújo Medina, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo/razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

